ORDEM DOS PSICÓLOGOS

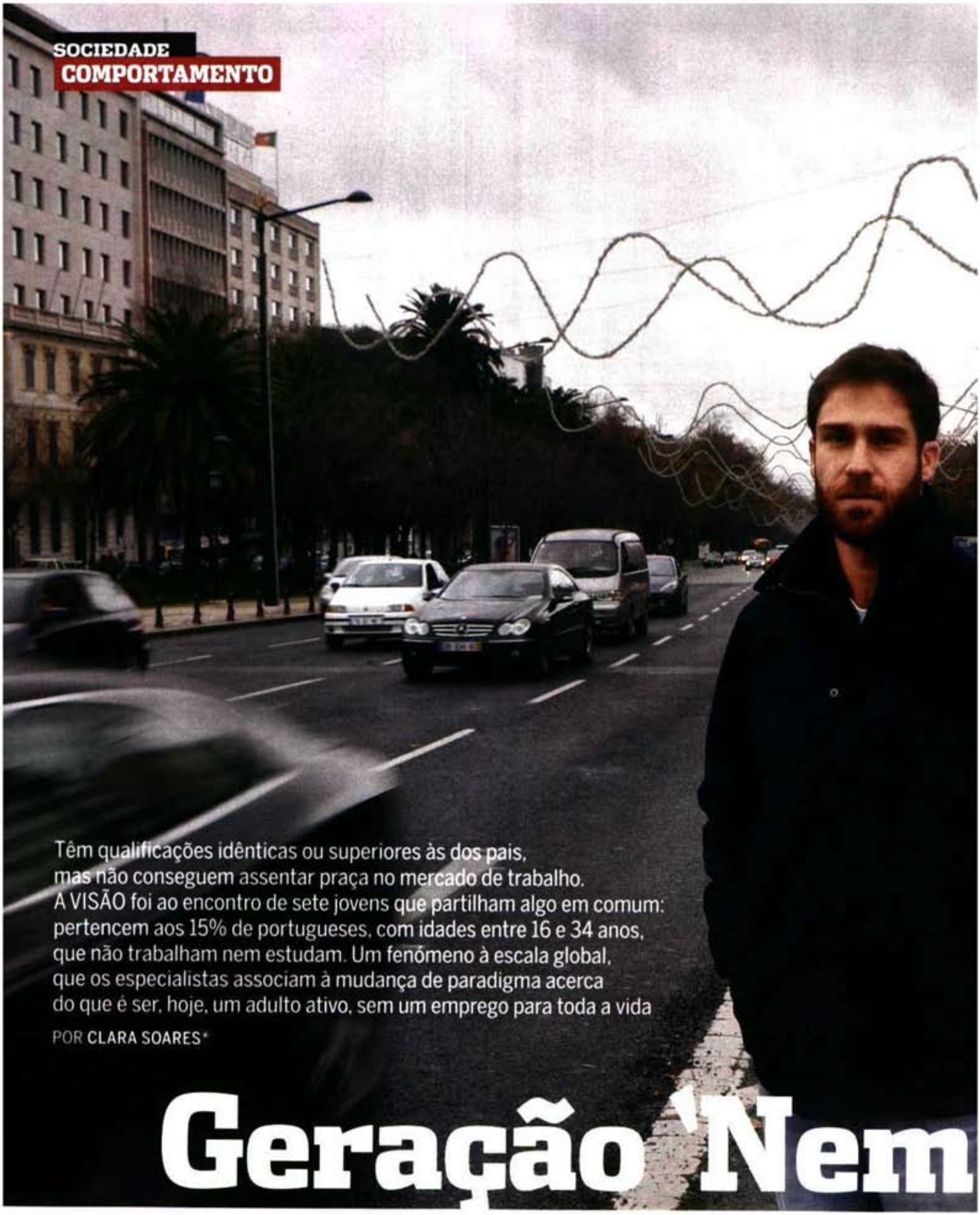
VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 70
Cores: Preto e Branco
Área: 20,19 x 25,61 cm²
Corte: 1 de 10

SOCIEDADE
COMPORTAMENTO



Têm qualificações idênticas ou superiores às dos pais, mas não conseguem assentar praça no mercado de trabalho. A VISÃO foi ao encontro de sete jovens que partilham algo em comum: pertencem aos 15% de portugueses, com idades entre 16 e 34 anos, que não trabalham nem estudam. Um fenómeno à escala global, que os especialistas associam à mudança de paradigma acerca do que é ser, hoje, um adulto ativo, sem um emprego para toda a vida

POR **CLARA SOARES***

Geração 'Nem

ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 71
Cores: Cor
Área: 19,74 x 26,70 cm²
Corte: 2 de 10

Nem'

Duarte Sousa Rego

26 anos, mestrado em Engenharia Biológica, no Instituto Superior Técnico. Foi bolseiro de investigação, dá explicações de Matemática e mora com os pais, no centro de Lisboa. Está disposto a trabalhar em qualquer ponto do País. «Posso esperar por um trabalho que me agrade, sem ter de arranjar um emprego a todo o custo.»

ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 72
Cores: Cor
Área: 19,76 x 26,84 cm²
Corte: 3 de 10

SOCIEDADE
COMPORTAMENTO

Elisa Basto tem 23 anos e uma licenciatura em Direito, concluída em julho de 2010, na Universidade Católica. Encontramo-la num dos armazéns do Banco Alimentar, em Lisboa, com guias para preencher. «Doutora, vai chegar mercadoria», informam-na. Durante três dias da semana, a sua missão é registar o descarregamento de bens alimentares para instituições. «É uma forma de estar ocupada até saber melhor aquilo que quero e qual a profissão ideal para mim.» Para trás ficaram um estágio em *marketing*, três entrevistas de emprego e alguns envios de currículo. No tempo que lhe sobra, Elisa dedica-se a cozinhar, toca guitarra e participa num coro. Sendo a única com carro e carta, é a cargo dela que ficam as deslocações da família. A residir em Sintra, com a mãe e três dos seus seis irmãos, todos mais novos, contém-se nos gastos, cujo valor médio mensal não sabe estimar. «Quando preciso, peço à minha mãe. Ela é o meu banco.» A família vai vivendo de economias e da pensão da Segurança Social [por morte recente do pai] e a mãe equaciona voltar a lecionar e não exerce pressão sobre a filha para que ela arranje um emprego à pressa. Mas o tempo não para e a cabeça de Elisa também não. «A minha licenciatura dá para muito pouco. Talvez volte à universidade para fazer o mestrado.»

Os anos correm-lhes de feição, mas com um senão. Encontram-se temporariamente presos entre duas vidas: a de estudantes, que foram, e a de adultos profissionalmente ativos, que ainda não são. Entre os 16 e os 24 anos, um em cada dez jovens portugueses depende financeiramente da família e vive com os pais. O impasse prolonga-se entre os 25 e os 34 anos, sendo já um em cada cinco os que veem adiado o ingresso na população trabalhadora. O cenário traçado pelas estatísticas mais recentes do Inquérito ao Emprego (ver *Adultos 'pendentes'*) replica-se à escala europeia e mundial. No Brasil, o fenómeno «nem-nem» afeta 14% da população juvenil. No Reino Unido, há mais de um milhão de jovens (idades entre 16 e 25 anos) com qualificações a mais para o mercado de trabalho. Em Espanha, tendo apenas em conta o grupo etário dos 16 aos 24 anos, os «nem-nem» chegam aos 15 por cento.

Elisa Basto

Ainda não sabe bem que caminho seguir e, enquanto procura trabalho, esta licenciada em Direito pela Universidade Católica, a viver em Sintra, ocupa o tempo a fazer voluntariado. A mãe é o seu «banco» e não exerce pressão para a filha arranjar emprego à pressa. «Talvez faça o mestrado, que a licenciatura dá para pouco.»

«Geração zero» (em emprego e perspetivas) é outro rótulo em voga para definir uma tendência global que contrasta com a lógica de sucesso das sociedades desenvolvidas. Mas até que ponto é que os protagonistas, ambientados com a revolução tecnológica e a imprevisibilidade, se reveem neste retrato? Como gerem expectativas e projetos de futuro?

É PRÁ AMANHÃ

António Variações, sempre atual, sintetiza o dilema «nem-nem»: «Deixa lá não faças hoje/ Porque amanhã tudo se há de arranjar (...)/ Queres um lugar que acerte bem contigo/ Do que aparece não consegues gostar/ E do que gostas já está preenchido.»

Maria, 26 anos, licenciada em Comunicação Social há dois anos, vive no concelho da Batalha e não quis ser identificada, por sentir-se uma «não cidadã». Cidadã, para ela, é ter emprego estável, das nove às cinco, sem ter de sair da «terrinha». Continua à espera e sabe que pode fazê-lo, mas não sem angústias: «Os meus

ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 73
Cores: Cor
Área: 20,09 x 27,64 cm²
Corte: 4 de 10

Adultos 'pendentes'

Um em cada **dez jovens** em idade ativa, com menos de 25 anos, não trabalha nem estuda

Entre os 25 anos e os 34 anos, **um** em cada **cinco** está economicamente dependente da família

Sem trabalhar nem estudar

Grupos etários	16 – 24 anos	25 – 34 anos
	12,6% 147 000	**17,2%** 272 000

FONTE INE, Estatísticas do Emprego, 3.º trimestre de 2010 INFOGRAFIA MT/VISÃO

pais não vão deixar-me desamparada, mas sinto-me inútil, com vergonha e culpa por ter 26 anos e viver como se tivesse dezasseis.» Maria refere-se às alegrias de ficar na cama até tarde, desfrutar do ginásio sem o cansaço de quem trabalha ou dar um passeio de carro até à praia, a meio da semana. E às maçadas inerentes: «Eu ocupo-me das tarefas domésticas e espero que, em casa, não reclamem, na hora de pôr gasolina e carregar o telemóvel; sem dinheiro, não levo a pessoa que amo a jantar fora, nem posso sair tanto quanto gostaria.»

Mais a norte, em Penafiel, Jorge Garcias, 20 anos, também recorre ao rendimento familiar para os seus gastos diários. Depende do pai, manobrador de máquinas, emigrante na Holanda, e do irmão, soldador. Jorge tem o curso profissional de técnico de informática e de gestão (correspondente ao 12.º ano), mas, até agora, só encontrou «trabalhos temporários, pagos à hora, em cafés, restaurantes e numa central termoelétrica». Já foi preterido, em entrevistas de emprego, por falta de experiência, e os cursos propostos pelo Centro de Emprego são pouco atrativos. Por insistência da mãe, doméstica, Jorge começou a ajudar nas lides da casa, mas não toca na horta. E emigrar também não faz parte dos seus planos. Os dias, passa-os a folhear anúncios e a consultar sites de emprego e, «para passar o tempo», pratica ciclismo e futebol, além de sair à noite. «Não posso ficar deprimido», justifica, acrescentando que a situação, embora temporária, o deixa desconfortável.

LOGO SE VÊ

Será esta uma geração descontente, ou mesmo acomodada? Talvez seja prudente falar de juventudes. No plural. Assim o entende Luísa Veloso, 43 anos, socióloga e investigadora do Instituto Universitário de Lisboa, que fala de diferenças regionais e de classe: «O que se passa em Trás-os-Montes é diferente do que acontece no Alentejo. Um jovem de um ►

'Os melhores anos da vida destas pessoas estão a ser desaproveitados'

Telmo Baptista, bastonário da Ordem dos Psicólogos

ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 74
Cores: Cor
Área: 20,09 x 27,59 cm²
Corte: 5 de 10

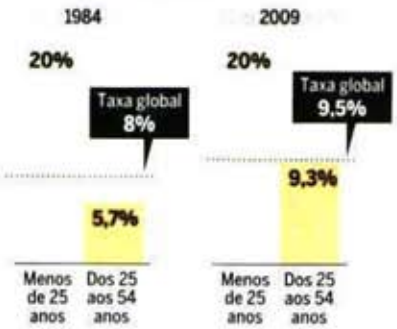
► meio operário não tem um campo tão alargado de opções como outros, com pais licenciados ou outra origem social.» No entanto, os estilos de consumo aproximam-nos dos jovens urbanos – «o gel, as calças de marca, os ténis». Nem todos podem dar-se ao luxo de ficar à espera de melhores oportunidades e os pais pesam muito, no que toca a proteção. «As famílias portuguesas não abrem mão dos filhos, sentem-se obrigadas a mantê-los, sobretudo nas classes mais favorecidas.» Por outro lado, a cultura do risco ainda não tem um eco expressivo numa boa parte dos jovens portugueses.

«Trabalho não falta, mas da maneira que a gente quer é difícil.» Palavras de Bruno Gonçalves, 22 anos, com formação em eletricista concluída em 2006 (equivalente ao 9.º ano). Nunca exerceu. «Não ligava comigo.» No andar onde vive, na zona oriental de Lisboa, a maior parte do dia é passada no quarto, a divisão onde recebe amigos: Playstation, televisão, minibar, pequenos pesos para musculação e um beliche a servir também de sofá. Bruno vai mostrando os aquários com répteis, a sua grande paixão, e não passa sem os seus dois bull terriers. Houve um tempo em que foi «alpinista» (trabalhos verticais de limpeza exterior de edifícios) e ajudante de talho, profissão em que chegou a ganhar 760 euros mensais. E podia ganhar o dobro, se tivesse investido na especialização. Agora, faz biscates como o de ajudante de motorista – não pretende tirar a carta, que sai cara – e pondera se fará o 12.º ano. «A minha ideia, quando saí da escola, era ganhar uns trocos e deixar a casa da minha mãe, mas quando vi o mercado de trabalho, percebi que não ia ser fácil.» Quem saiu foi a mãe, após encontrar emprego na restauração, nos Açores. Conclusão: «Fico no meu cantinho, os meus avós ajudam-me e a minha mãe também. Talvez faça um curso remunerado, que a ginástica das contas é complicada.»

Estudar vale a pena

Os níveis de desemprego jovem não são muito diferentes do que eram no início dos anos oitenta. Quando se comparam esses níveis com os observados nas outras idades, eles também são normalmente mais elevados...

Taxas de desemprego

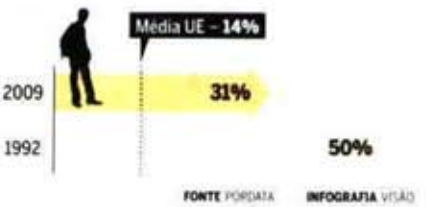


Nível de escolaridade /taxa desemprego (2009)

... mas para quem tem estudos superiores os riscos de desemprego são menores...

Taxa de abandono escolar

... e ainda estamos longe da média europeia. Entre os 18 e os 24 anos, Portugal melhorou os níveis de escolaridade mas ainda tem muitos jovens que desistem cedo de estudar, não chegando a concluir o ensino secundário.



FONTE PORDATA INFOGRAFIA VISÃO

Um diploma também não lhe garantiria o que quer que fosse. A investigação sociológica coordenada por Carlos Manuel Gonçalves, e de que Luísa Valente é coautora, confirma o cenário de descontentamento que grassa entre os jovens qualificados. Em *Licenciados, Precariedade e Família* (2009), ficamos a saber que existem muitos diplomados sem saídas profissionais. Professores, psicólogos, arquitetos, gente especializada em tecnologias de informação, acrescenta Luísa Valente, «têm uma situação melhor, comparativamente aos que carecem de escolaridade, mas confrontam-se com a inevitabilidade de terem trabalho, sem o conceito de emprego, que mudou na União Europeia (UE)».

'Os jovens sempre tiveram mais dificuldade em encontrar emprego do que as gerações dos seus pais'

Maria João Valente Rosa, diretora da PORDATA

CANUDO 'ENVENENADO'

No último trimestre de 2009, a taxa de desemprego dos jovens com menos de 25 anos atingiu 23,4 por cento. A realidade

ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 75
Cores: Cor
Área: 19,64 x 27,82 cm²
Corte: 6 de 10

Bruno Gonçalves

22 anos, formação em eletricista. Reside em Sacavém, na casa da mãe, que foi para os Açores. «A minha ideia era ganhar uns trocos e deixar esta casa, mas quando vi o mercado de trabalho percebi que não ia ser fácil.» Já foi ajudante de talhante e de motorista. Agora pensa em fazer um curso remunerado. Vive da ajuda familiar.

dos «desemprecários» – intermitência entre ocupações temporárias com baixa remuneração e desemprego não subsidiado – parece colar-se aos jovens lusos. Como Sara Couto, que sente, sobretudo, muita frustração. «Não estou zangada com Deus, mas alguém se esqueceu de mim.» Com 24 anos e licenciada pela Escola Superior de Educação do Porto há dois, já atendeu público numa loja de artigos desportivos e foi recrutada, a recibo verde, para atividades de enriquecimento curricular, na Ciência Viva, de Gaia, ocupação que acabou em junho. No concurso, não arranjou lugar. Até já se candidatou a caixa de supermercado, mas não obteve resposta e põe mesmo a hipótese de alterar o currículo. «Talvez a licenciatura seja um entrave.» Compreensivos, a mãe, doméstica, e o pai, vendedor de automóveis, ajudam-na com alguns sacrifícios, mas em Sandim, a pequena vila onde vivem, chegaram aos ouvidos de Sara comentários negativos da vizinhança. Especializar-se em ensino especial seria o passo seguinte, assim tivesse fundo de maneio. Por enquanto, ocupa-se do sobrinho («se não o tivesse, dava em doida»), treina a equipa de *street basket* de um clube local e, para não sobrecarregar o namorado com despesas, até corta nas saídas. A relação dura há sete anos, mas a ideia de constituir família é que ficou em suspenso. «Estou de mãos e pés atados», remata.

Com empregos tomados e sem renovação dos postos existentes, a apreensão é grande. «Os melhores anos da vida destas pessoas, em força e energia, estão a ser desaproveitados e, se continuarem a receber 'nãos' depois dos 30 anos, podem questionar as suas competências e desmobilizar», adverte Telmo Baptista, 51 anos, bastonário da Ordem dos Psicólogos. ►

ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 76
Cores: Cor
Área: 20,19 x 27,96 cm²
Corte: 7 de 10

SOCIEDADE
COMPORTAMENTO

Cláudia Brandão

Depois de um estágio europeu em Roma, e de uma pós-graduação, só encontrou trabalhos precários e mal pagos. Cláudia, 28 anos, curso de Psicologia feito há três, lamenta que não se valorizem as pessoas especializadas. E remata: «Os pais protegeram-me demasiado, não quiseram que eu trabalhasse a tempo parcial enquanto estudava.»

► Quanto à desaprovação de que os «nem-nem» são frequentemente alvo, o clínico lembra que as gerações mais velhas também não estão a acompanhar as novas formas de organização do trabalho e do emprego. «Conheço gente que, por iniciativa própria, se especializou em pequenos nichos de negócio e ganha dinheiro em leilões online.» Com o que também deve contar, acrescenta Telmo, é que ser agente de si próprio, nesta fase de transição, não dará dinheiro como no modelo tradicional.

A socióloga do trabalho Cláudia Ferreira, 32 anos, a exercer funções num gabinete de inserção profissional juvenil do Porto, admite que o comodismo e o culto da lamentação existem nos recém-licenciados e são, na maioria das vezes, alimentados pelos pais. Sobretudo nas classes média e alta e no Norte do País, prossegue a técnica, é comum assistir a comentários do tipo «O meu menino é doutor, não vai ganhar 500 euros num *call center*, é uma vergonha.»

Nas entrevistas que fez, no Centro de Emprego do Porto Ocidental, encontrou «algum mérito mas também falta de empreendedorismo, baixa tolerância à frustração e falta de humildade, postura que desagrada aos empregadores». A somar a isto, Cláudia confessa que é difícil arranjar bons candidatos, por ser «gritante o número de jovens que bloqueiam e ficam calados nas entrevistas, além de desconhecerem o setor a que se candidatam».

ETERNOS SUPLENTES

Cláudia Brandão, 28 anos, concluiu há três o curso de Psicologia na Universidade Lusíada, no Porto. Com alojamento garantido e necessidades básicas cobertas, aceitou a possibilidade de integrar o serviço de voluntariado europeu e enriquecer o currículo. Após nove meses em Roma, a acompanhar pessoas com deficiências neuromusculares, pós-graduou-se em Psicologia Clínica, enquanto exercia em algumas escolas e num centro de estudos. Aqui, «o que ganhava por mês nem sequer se aproximava do salário mínimo» e era conjugado, por isso, com a promoção de produtos. Depois de ver colegas de curso permanecerem como voluntários em hospitais, durante anos, Cláudia considera «ridículo» alguém seguir, hoje em dia, psicologia. Os pais, donos de uma hospedaria, nunca quiseram que ela trabalhasse a tempo parcial enquanto estudava, para melhor se focar no curso. «Protegeram-me demasiado», conclui, após logradas as tentativas de colocação fixa. Sem a almejada independência, apesar de ser uma técnica especial, a mulher desabafa: «É revoltante saber que há tanta necessidade e ninguém investe. Só há trabalhos precários e ninguém nos valoriza, e no Norte a situação ainda é pior.»

Para dar resposta a jovens licenciados à procura de emprego, com dificuldade na integração profissional, começaram a surgir projetos como a História do Futuro, promovido pelo Centro Universitário Padre António Vieira, em Lisboa. Curiosamente, a faixa etária dos 26 aos ►

'Um jovem de um meio operário não tem um campo tão alargado de opções como os outros'

Luísa Veloso, socióloga

ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 78
Cores: Cor
Área: 19,88 x 27,01 cm²
Corte: 8 de 10

SOCIEDADE
COMPORTAMENTO

Sara Couto

24 anos, licenciada pela Escola Superior de Educação do Porto. Professora sem colocação, teve alguns trabalhos precários e até já se candidatou a caixa de supermercado. Na vila de Sandim, os pais ajudam-na com alguns sacrifícios. «Não estou zangada com Deus, mas alguém se esqueceu de mim», desabafa.

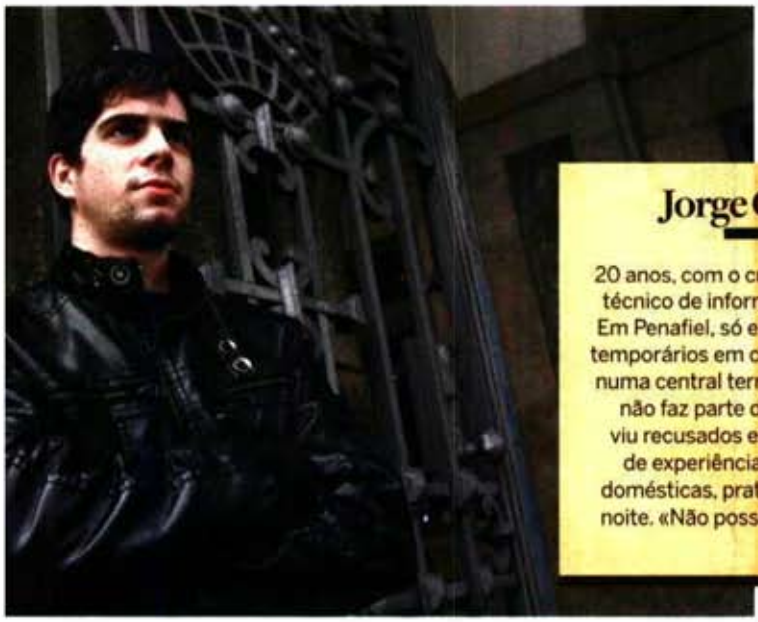
ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 79
Cores: Cor
Área: 19,97 x 26,67 cm²
Corte: 9 de 10



Jorge Garcias

20 anos, com o curso profissional de técnico de informática e de gestão. Em Penafiel, só encontrou trabalhos temporários em cafés, restaurantes e numa central termoelétrica. Emigrar não faz parte dos seus planos e viu recusados empregos por falta de experiência. Ajuda nas lides domésticas, pratica ciclismo e sai à noite. «Não posso ficar deprimido.»

Todos diferentes

Entre os jovens com curso superior (entre 20 e 35 anos) que procuram formação para entrar no mercado de trabalho, evidenciam-se duas tendências contrastantes:

FONTE História do Futuro - balanço das atividades formativas de 2009
INFOGRAFIA VISÃO

► 30 anos foi a mais expressiva entre os participantes (59%) das ações de formação iniciadas em 2009, 31% dos quais possuíam mestrado ou pós-graduação. A gestora do projeto, Maria Minas, 26 anos, fala de «geração de contrastes», em que coabitam facetas de apatia e proatividade (ver *Todos diferentes*). Nas sessões, partilham-se experiências e dificuldades. A preparação para o mercado de trabalho inclui, também, «técnicas de entrevista, plano de *marketing* pessoal, Direito do Trabalho, educação financeira e *networking*». No final, esperam-se aumentadas as capacidades de adaptação e resiliência e uma atitude empreendedora.

ATIVOS EM CASA

Para quem ainda se lembra do termo *cocoon*, ou «geração casulo», é uma evidência que a transição para a vida adulta – ritualizada pelo primeiro emprego *a sério* – é, no mínimo, desafiadora e pressupõe uma formação mais longa, ainda que compensadora a médio prazo. A análise estatística permite, desde logo, derrubar dois mitos: que os jovens de hoje estão em maior desvantagem que os de há duas décadas e que estudar não compensa.

Maria João Valente Rosa, 49 anos e diretora da base de dados PORDATA, explica: «Os jovens sempre tiveram mais dificuldade em encontrar emprego do que as gerações dos seus pais.» Além disso, a taxa de desemprego jovem, no ano passado, «foi cerca de duas vezes superior à do grupo dos 25 aos 54 anos, mas já foi três vezes superior, no início dos anos oitenta». A demógrafa ressalta que, na sociedade do conhecimento, a diferença entre quem se licenciou e quem não o fez se nota, depois, no terreno. Nos salários e no risco de desemprego (ver *Estudar vale a pena*). Na prática, os dados remetem para uma nova equação do que é o trabalho: «A oferta faz-se, cada vez mais, em termos de projetos e não de um mesmo emprego para toda a vida.»

Talvez seja por estar ciente disso que Duarte Sousa Rego, 26 anos, não acha desprestigiante permitir-se tempo para cumprir um compromisso, em vez de abdicar dele. Refere-se ao mestrado em Engenharia Biológica, no Instituto Superior Técnico, em 2008, e à situação de bolseiro, durante ano e meio, num instituto de investigação científica, em Oeiras. Enviou currículos e estabeleceu contactos com fontes da área. Até coloca a hipótese de trabalhar em qualquer ponto do País, mas não descarta o estrangeiro como domicílio profissional. «Quero sentir-me útil, mas não a todo o custo.» Enquanto dura este patamar temporário, Duarte dedica-se ao voluntariado e a dar explicações de Matemática. «Depois, vou a uma livraria, fico a ver um filme, faço tudo o que me apetece e ainda tenho tempo para desperdiçar.» A morar com os pais (um médico e uma lojista), no centro de Lisboa, percorre a cidade de transportes públicos e acredita que, dentro de dois anos, vai estar a trabalhar na indústria farmacêutica, alimentar ou química. Reconhece, porém, que a sua geração é, sobretudo, suportada pelas famílias e não contribui profissionalmente – nem fiscalmente, até – para o desenvolvimento social. Um paradoxo que desvenda, sem complexos: «Há uma desresponsabilização da nossa parte, porque ninguém nos pede nada e não estamos dispostos a abrir mão do conforto, se arranjar um emprego implicar muitas dificuldades. Sem casa para pagar nem filhos para sustentar, posso esperar por um trabalho que me agrade mais.» *COM JOANA LOUREIRO

'É gritante o número de jovens que bloqueiam e ficam calados nas entrevistas'

Cláudia Ferreira, socióloga do trabalho

ORDEM DOS PSICÓLOGOS

VISÃO

13-01-2011

Tiragem: 120300
País: Portugal
Period.: Semanal
Âmbito: Interesse Geral

Pág: 1
Cores: Cor
Área: 20,65 x 16,51 cm²
Corte: 10 de 10

GERAÇÃO NEM-NEM

NEM TRABALHAM NEM ESTUDAM. TÊM ENTRE 16 E 34 ANOS E SÃO, MUITAS VEZES, MAIS QUALIFICADOS QUE OS PAIS. RETRATOS DE UM FENÓMENO À ESCALA GLOBAL

Cláudia Brandão, 28 anos, psicóloga; Duarte Sousa Rego, 26 anos, mestre em engenharia biológica; Bruno Gonçalves, 22 anos, eletricista